CONIC SEMESP

16° Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSUMO CONSCIENTE

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE

SUBÁREA: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

INSTITUIÇÃO: FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE BRAGANÇA PAULISTA

AUTOR(ES): MAIZA EMI TORICELLI, DIANA APARECIDA JAMELI, ELY SANDRA BRIGIDO, INGRIDY MARIA FERNANDES BARBOSA, JULIANA LEAL CAMPOS POLITI, PALOMA APARECIDA ALVES DE OLIVEIRA, PRISCILA EVA DE ANDRADE

ORIENTADOR(ES): MARIA CRISTINA MUÑOZ FRANCO

Realização: SEMESP sindicato das mantenedoras de ensino superior

Apoio: ENIAC ISO 9001 Educação Básica e Superior

1. Resumo

A compreensão dos problemas ambientais da contemporaneidade a partir da análise complexa de suas causas e consequências, ampliando a percepção ambiental potencializa uma intervenção educativa ambiental. Dessa forma, a presente pesquisa de iniciação científica realizada por um grupo multidisciplinar de alunas dos cursos de licenciatura em ciências biológicas e pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista – FESB teve como objetivos estimular a construção da cultura de sustentabilidade e problematizar os hábitos de consumo da sociedade atual, identificando causas e consequências. Com base na pesquisa exploratória envolvendo levantamento bibliográfico, foi possível construir uma base teórico conceitual de educação ambiental crítica como parte relevante da formação de futuros docentes.

2. Introdução

Nas conferências mundiais sobre meio ambiente, entre a multiplicidade dos assuntos abordados, as questões voltadas para a supervalorização do consumo são apontadas como um dos problemas socioambientais mais latentes na atualidade, envolvido por esferas econômicas, políticas, culturais, estéticas e de relações de poder e exploração, tanto de elementos naturais como de pessoas.

Neste sentido, é de grande valia neste momento, proporcionar o diálogo entre nosso referencial teórico com a metáfora abordada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman pois, ele aponta certas transformações recentes do neoliberalismo, que representam alguns dos elementos que têm se destacado nas discussões no campo da educação ambiental do século XXI que é a cultura do consumo.

Em suas obras, Bauman (2008) sempre insere como um dos principais atributos da modernidade líquida as transformações nas relações de consumo, indicando que passamos de uma ‘sociedade de produção’ para uma ‘sociedade de consumo’, mas principalmente na obra intitulada *Vida para o Consumo* (2008), o autor aprofunda a análise dessa transformação, traçando comparações entre consumo e consumismo, indicando que o primeiro é um ato

banal e trivial, é visto como parte permanente e integral de todas as formas de vida conhecidas a partir de narrativas históricas e relatos etnográficos. Não há muitas mudanças nas modalidades de consumo nos diferentes períodos da história, mas isso não se aplica ao consumismo que marca as “transformações do passado e a atual dinâmica do modo humano de ser e estar no mundo” (BAUMAN, 2008, p.38). Segundo este autor o consumismo é:

> [...] um arranjo social resultando da reciclagem das vontades, desejos e anseios humanos rotineiros [...] transformando-os na *principal força propulsora e operativa* da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, integração e estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando papel no processo de auto-identificação individual e do grupo, assim como a seleção e execução de política de vida individuais. (BAUMAN, 2008, p. 41)

O amadurecimento da sociedade de consumo pode ser percebida pela naturalização de valores que se sobrepõe, em que os *direitos do cidadão* estão sendo sobrepostos pelos *direitos de consumidor*, como reflexo da soberania do mercado sobre a política, o que reforça o medo da inadequação, pois, às sentenças do Estado cabe apelação, já as sentenças do julgamento do mercado é rígida e irrevogável, o tempo todo esse modelo de sociedade avalia seus membros pelo desempenho consumista como o maior critério de inclusão e de exclusão. “O estado como um todo, incluindo seus braços jurídico e legislativo, torna-se um executor da soberania do mercado”. (BAUMAN, 2008, p. 87)

Essa característica de mercantilização, de valoração econômica, de transformação dos bens naturais em mercadorias, se estende também aos seres humanos, numa dinâmica em que nos transformamos em produtos e agentes de nossa própria comercialização, nos codificamos e recodificamos para atender às demandas do mercado. Bauman (2008), destaca que esta é uma das mais relevantes características da contemporaneidade ou da sociedade de consumo, a qual é marcada por uma governamentalidade centrada na competição e no mercado, que modifica toda e qualquer relação transformando-a em relações de consumo.

3. Objetivos

Ao realizar esta pesquisa nos propomos a estimular a construção da cultura de sustentabilidade através dos seguintes objetivos específicos: problematizar os hábitos de consumo da sociedade atual, identificando causas e consequências socioambientais.

Promover para os alunos envolvidos no programa de iniciação cientifica a oportunidade de vivenciar uma experiência cientifica multi e interdisciplinar, tendo em vista a formação do grupo responsável por este estudo é composto por alunos dos cursos de pedagogia e ciências biológicas.

4. Metodologia

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foi realizada pesquisa exploratória envolvendo levantamento bibliográfico relacionada as causas e consequências socioambientais relacionadas aos hábitos de consumo presentes na contemporaneidade. Este tipo de pesquisa proporciona maior contato com o problema, tornando-o mais explícito (GIL, 2007). Tal trabalho se caracteriza como base teórico-conceitual para desenvolvimento de pesquisas futuras no ambiente acadêmico.

5. Desenvolvimento

5.1. A SOCIEDADE CONTEMPORANEA

É bem verdade que o homem deixa a desejar em relação ao meio em que vive. No contexto moderno, o homem age de forma inconsequente e egoísta, explorando o ambiente em prol de suas “necessidades consumistas”, pelo seu intelecto individual e pelo progresso material. Isso se dá a alta capacidade de “evoluir” e o instinto de explorar o mundo à sua volta.

Segundo Lousada (2011), passamos a dominar a natureza com instrumentos construídos por nós mesmos, deixando, dessa forma, de ser parte dela, transformando - á em um "objeto" de propriedade humana. Como consequência disso, obtemos um modelo destrutivo de grande impacto ambiental que só poderá ser solucionado mediante à uma racionalidade ambiental e um saber interdisciplinar, que favoreça todas as formas de vida, ecossistemas, nichos e a natureza propriamente dita.

Contudo, a crise ambiental ainda se mostra persistente no que se refere aos atos consumistas, a farsa do "capitalismo verde" e as atitudes que agridem o

ambiente - partindo desse tanto como natureza (para ser apreciado e preservado), quanto como projeto comunitário (para ser envolvido pela comunidade) - principalmente pela modernidade que enquadra industrias poluidoras e o ser humano como agente poluidor.

> Se de um lado a crise ambiental tem a fortíssima contribuição da crença moderna da Natureza como uma arca de riqueza inacabável disponível para o homem, e orienta os campos da economia, da política e do consumo há séculos e em escala global, por outro lado, como seres não determinados pelas circunstâncias, mas por elas condicionados, somos – os que não partilhamos do grande capital e dos meios de produção – apenas em parte responsáveis pela crise, quando optamos pelo ecocídio em nossas decisões, sejam elas as mais simples no cotidiano. (LOUSADA, 2011 p. 223)

Além disso, autores como Córdula e Nascimento (2014), destacam as modificações climáticas como diminuidores de recursos naturais e da alta taxa de extinção das espécies, como um reflexo das ações inconsequentes do ser humano, sem falar no aquecimento global, que aumentará a temperatura da Terra durante os anos que virão.

Existe então uma colaboração com o sistema per capito da sociedade, ou seja, consumindo-se mais, o capital gira e aumenta, proporcionado o lucro. Esse resultado final não está de maneira alguma interligado com um meio de sustentabilidade, visto que a maioria dos produtos são fabricados com materiais que provém da natureza, do meio ambiente, e na maioria extraídos com práticas negativas ambientais.

E isso se encaixa perfeitamente, visto que nos meios de comunicação somente um dos 3 Rs da Educação Ambiental é apresentado para os consumistas, o reciclar. Pode se observar que não é proposto uma reflexão sobre o que existe atrás de todo o processo de fabricação de um produto e dos materiais extraídos para a sua produção. Não existem ações para que formem cidadãos conscientes.

Um consumo consciente aborda os 3 Rs da EA (Educação Ambiental) reduzir, reutilizar e reciclar, como base para formar um cidadão consciente. Proposto isso como uma alternativa para a atualidade, se pode obter um resultado diferente no consumo, visto que as reflexões surgiriam. Isso afetaria

diretamente o capital e com isso outras problemáticas surgiriam, sendo assim o desenvolvimento sustentável é outra alternativa. Esse é um conceito ligado com a sustentabilidade de vida de uma população (Graciolli, 2012).

A sustentabilidade exige um envolvimento interligado entre as questões ambientais, econômicas e sociais, de forma que caminhem juntos para um resultado positivo. A realidade dessas interligações é totalmente diferente, como dito:

> Muitos são os problemas sociais e ambientais enfrentados pelos indivíduos. Além disso, fraternidade, solidariedade e companheirismo são valores aparentemente esquecidos. Tais inconveniências contribuem para o déficit ou, ate mesmo, ausência de sustentabilidade social. (GRACIOLLI, 2014, p. 01).

Os indicadores de sustentabilidade existentes na sociedade não são qualificados para tal tarefa, expondo brechas que não traz algo sustentável. Sendo assim a sociedade caminha para um desenvolvimento sustentável com uma sociedade sustentável.

5.2. LIXO: UM GRAVE PROBLEMA DO MUNDO MODERNO

Na composição da sociedade atual enfrentamos um grande paradigma com o lixo gerado pelo homem, vivemos em um mundo globalizado e consumista, onde vários resíduos são depositados irregularmente na natureza. Este trabalho tem por finalidade ampliar e conscientizar a concepção do descarte adequado desses dejetos.

De acordo com Manual de Sustentabilidade (2005), os detritos refletem em uma questão além do descarte inadequado e problemas ambientais, revela a desigualdade social, disparidade econômica e política.

A percepção da administração integrada dos resíduos sólidos possibilitou a formação da Política dos 3R’s – reduzir, reutilizar e reciclar – como um meio para encarar essa questão. Contudo, muitos programas de educação ambiental nas escolas se restringem a desenvolverem apenas a coleta seletiva de lixo, tornando a reciclagem como uma “atividade-fim”, contrariamente de considera – lá uma ferramenta questionadora e orientadora das causas e consequências da questão do lixo.

Segundo Carvalho (1991), existem 2 matrizes sobre a questão ambiental: a do discurso ecológico oficial, que se encarrega de conservar valores

culturais instituídos na sociedade, e a do discurso ecológico alternativo, que se encarrega de dispersar valores que subvertem a ordem social e econômica posta. Sendo assim, enquanto a oficial tenta manter o *status quo*, a alternativa tenciona transforma – lá.

Para o discurso ecológico alternativo, existe uma crítica à sociedade moderna capitalista com sua cultura do consumismo, que é considerado o responsável por uma série de problemas ambientais. Em vista disso, a "solução" seria a mudança qualitativa da produção e a diminuição do descarte de materiais. Em outras palavras, o reducionismo deve ter prioridade acima do reuso e da reciclagem e, após a redução do consumo, o reuso deve ter prioridade sobre a reciclagem; já para o discurso ecológico oficial, o grande problema é o "consumo insustentável", onde há muito desperdício, por isso se prioriza a reciclagem Carvalho, 1991).

É visível que as duas matrizes de Carvalho e opõem, entretanto, a questão da reciclagem é falha em seu contexto:

> [...] ao invés de se reduzir o consumo, cria-se a oportunidade de manter o padrão convencional de consumo, pois a ameaça tornasse relativamente controlada, e a reciclagem passa a desempenhar função de compensação do risco do consumismo. Contudo, trata-se de uma falsa segurança, que significa a alienação da realidade, a qual cumpre a função de gerar a sensação de que um comportamento ambientalmente correto - a reciclagem - contribuirá para a resolução de um problema, quando, na verdade, camufla a crítica ao consumismo [...] Recicla-se para não se reduzir o consumo. Afinal, a reciclagem representa, além da salvação da cultura do consumismo, a permanência da estratégia produtiva da descartabilidade e da obsolescência planejada, permitindo a manutenção do caráter expansionista do capitalismo. (LAYARGUES, 2002 p.?).

Para tanto, de nada adiantam as campanhas de reciclagem se não for imposto um trabalho de novos hábitos para não haver mais consumo desenfreado e excessiva produção de lixo. De acordo com Kligerman (2000), é preciso educar a sociedade, contudo, é preciso ainda proceder esse raciocínio e argumentar sobre porque se ensinar isso.

Por consequência, não basta apenas agir diferente, é preciso que haja cobrança do Poder Público para haver a implementação de Políticas Públicas pelo melhor repartimento dos ganhos que a reciclagem do lixo propicia e,

acima disso, fazer com que a educação ambiental seja a fonte de mudanças nos costumes e cultura para uma verdadeira sociedade consciente.

5.3. O papel da educação ambiental

No contexto atual em que vivemos estamos sentindo necessidades de mudanças ecológicas, sociais e culturais em nosso país e no resto do mundo. Estamos vivendo uma crise ambiental, que interfere na economia, na política e na organização social. Portanto torna-se notório a preocupação com a problemática existente, será de suma importância compreender a relação entre o homem, a natureza e a sociedade capitalista.

Desde os primórdios o homem primitivo buscou sanar suas necessidades de sobrevivência através da transformação da natureza, de primeiro momento buscou retirar na mãe terra apenas os principais recursos naturais que mantinham a sua subsistência, entretanto com o passar dos anos a civilização humana evoluiu e o homem passou a ser ganancioso, almejava construir riquezas e para que isso acontecesse foi necessário ampliarem a exploração natural. Portanto quando o homem transforma o ambiente de acordo com a sua própria necessidade chamamos de trabalho. “É por meio do trabalho que o homem com a sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (MARX (2012) apud FREITAS[1] e FREITAS[2] (2014), p. 27).

O domínio humano sobre os ecossistemas acontece de forma irregular, a minoria dos habitantes do planeta consome parte da matéria prima e energias produzida, portanto a distribuição desigual dos custos ambientais atingem territórios e populações mais vulneráveis. Em algumas regiões do mundo sofremos com o racismo ambiental, que são as injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias.

> O mecanismo pelo qual sociedades desiguais, do ponto de vista econômico e social, destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento às populações de baixa renda, aos grupos sociais discriminados, aos povos étnicos tradicionais, aos bairros operários, às populações marginalizadas e vulnerabilizados (HERCULANO apud FREITAS, 2014, p.35).

[1] Luciane Albernaz de Araujo Freitas
[2] André Luís Castro de Freitas

O racismo ambiental é uma das divisões e consequências que nós desfavorecidos com o capitalismo enfrentamos. Podemos confirmar outras situações de discrepância entre essas pessoas, como na qualidade de vida que para maioria é inexistente. Portanto a crise ambiental assume diferentes dimensões para as distintas classes sociais, afetando, de maneira drástica, as classes com menor recursos que são expostas aos riscos ambientais e outros vivem no conforto e na segurança ambiental.

Entretanto uma crise ambiental vai além de uma catástrofe da natureza, ela envolve intenções políticas, econômicas, sociais, cultural, históricas que vão mais fundo do que uma transformação local, ela passa a ser uma transformação de nível mundial, envolvendo todas as esferas. Loureiro (2006) apud Freitas e Freitas (2014), refere-se sobre a importância de uma mudança social e cultural com o intuito de construir uma sociedade ecologicamente criteriosa e responsável e socialmente justa.

Por isso é preciso que os educadores tenham claro que a atuação educativa específica ocorre no conjunto das relações em que está se insere, pela qual se define, é condicionada e/ou visa alterar, necessitando estarem combinadas com outros locais, agentes, saberes e poderes (Freitas 2014).

Portanto ao se pensar o papel da educação ambiental temos como pressuposto o ideal de formar um cidadão agente e transformador de sua realidade, que seja capaz de usar estratégias que almejem a superação do modelo civilizatório vigente. Mudanças socciais, profundas e radicais a fim de exterminar a desigualdade, a injustiça, a exploração ambiental, econômica e trabalhista dos indivíduos. Uma transformação que implica no repensar do capitalismo e de sua busca desenfreada de riquezas que geram diariamente conflitos e consequências para todos os seres vivos, por isso pensar na crise socioambiental é pensar na superação do capitalismo.

Fazemos das palavras de Loureiro apud Freitas (2014,p. 58), um alerta para nós educadores e agentes transformadores de saberes “educação não como o único meio para a transformação, mas como um dos meios sem o qual não há mudança”.

6. Resultados

A presente pesquisa configurou-se como um elemento importante na constituição da análise crítica sobre o consumo consciente e o papel da educação ambiental para abordar essa problemática contemporânea.

É possível perceber que na sociedade contemporânea de um lado, os sujeitos desejam consumir todo tipo de produto, bens e serviços, mas de outro querem ter um ambiente saudável e preservado. Porém para tal querem conforto e bem-estar sem causar efeitos negativos a natureza.

A expressão consumo sustentável tem sido dirigida com muita frequência em diversos meios de comunicação, cada denominação tem um jeito de definir essa importante maneira, mas o consumidor contemporâneo precisaria assumir esse papel ecológico para ter uma pegada ambiental mais leve buscando conservar o meio ambiente. A respeito da condição do planeta, a mesma é inquietante e exige medidas urgentes para um consumo sustentável que pode diminuir os agravos já causados e poupar que outros ocorram. Mas além de praticá-lo, é importante entender bem o que ele é, o consumo sustentável nada mais é do que o consumo responsável e consciente.

7. Considerações Finais

É possível observar que o ato de consumir está se tornando algo “humanizado”, as pessoas estão perdendo sua autenticidade para o sistema. Muitas vezes o não consumir causa problemas psicológicos e sociais em sua grande maioria. Isso sem mencionar os vários problemas ambientais que vem ocorrendo através de anos, o descaso com a natureza está percorrendo caminhos sem volta.

Por fim, podemos compreender que o consumo sustentável é uma atitude, uma forma de agir do consumidor, que não leva em consideração somente a aquisição do produto, mas também a produção que antecedeu a aquisição, como o uso e o descarte. Este é o tipo de consumidor que não se acerta aos padrões de consumo impostos e não põe o meio ambiente a serviço de seu contentamento pessoal.

8. Fontes consultadas

BRASIL. Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. Coordenação geral de educação ambiental. 3.ed. Brasília: MMA, 2005

BRASIL, LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARVALHO, Isabel C. M. TONIOL, Rodrigo. Ambientalização, cultura e educação: diálogos, traduções e inteligibilidades possíveis desde um estudo antropológico da educação ambiental. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. especial, setembro de 2010.

FREITAS, Luciane Albernaz de Araujo. FREITAS, André Luís Castro. A Crise Socioambiental: Uma Crise Civilizatória In Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E-ISSN 1517-1256, v. 31, n.1, p. 24-40 , jan./jun. 2014.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

CONSUMO SUSTENTÁVEL: Manual de educação.Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC,2005. 160 p.

LAYRARGUES. Philippe Pomie. O CINISMO DA RECICLAGEM: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental.São Paulo.2002

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação ambiental crítica: Contribuições e desafios. In: Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Ministério da Educação/MEC – Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.

LOUSADA, Vinícius Lima. Modernidade, racionalidade e crise ambiental. 2011. 22 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - Furg, Rio Grande do Sul, 2011.